

NOVEMBRO 1998 - ANO VI - Nº 9

DUPLA EXPERIÊNCIA NOS ANOS DE CHUMBO*

Wagner Neves Rocha **

Entre 1964 e 1974 fui aluno e professor da UFF e, por isso, testemunha e participante de diversos fatos ocorridos na época. Membro do Departamento de História e de uma comissão intra-unidades, que funcionava na Reitoria, tive oportunidade de observar as discussões apaixonadas provocadas pela departamentalização e pelo sistema de créditos, previstos na reforma universitária dos anos 60, que veio a ser implantada na UFF.



Participei do excelente relacionamento que existia entre alunos e professores, a ponto de os professores freqüentarem as reuniões do Diretório e os alunos as do Departamento de História, além das inúmeras horas de papo que aconteciam nos bares das redondezas. Não obstante a precariedade da remuneração, os professores não limitavam seu tempo de trabalho: estavam sempre disponíveis para atender às solicitações que lhes eram feitas.

Pelo menos até 1969, os professores não sofriam qualquer cerceamento em seu trabalho, e nas ementas das disciplinas eram sugeridas leituras das mais diferentes tendências. Desenvolveu-se um grande respeito pela diversidade. Havia espaço para a discussão teórica das várias correntes do marxismo. Tenho particular lembrança do professor Alberto Coelho, que foi contratado para substituir o professor Wanderley Guilherme dos Santos, em Metodologia da História. Ele era um dos que comentavam em suas aulas o que ocorria no mundo; daí que suscitavam muito interesse e eram freqüentadas por outros interessados, além dos alunos regularmente inscritos. Ele, assim como o professor Hugo Weiss, foram cassados pelo AI-5 devido à atuação que tinham fora da UFF. Os alunos de Niterói, que vieram a ser atingidos por participação em atos contra o regime, não foram influenciados (diretamente) pelos cursos do professor Alberto. Já eram do curso de Ciências Sociais e tinham atuação política externa à UFF, antes de 1968.

A abertura de uma filial da Livraria Diálogo, com Aníbal Bragança e outros, em dependências da UFF, permitiu que se tivesse acesso às fontes de informações relacionadas com o movimento de 1968 no mundo, além de ser mais um ponto de reunião dos interessados nas questões dele decorrentes. A edição do livro de Lênin foi uma festa seguida da prisão do Aníbal. O teatro era outra área de encontro e manifestação. Também fez parte da diretoria do Diretório Acadêmico com Charles Pessanha e, nessa ocasião, teve a oportunidade de desenvolver projetos na área do teatro, funcionando até como eletricista em uma das peças.

A UFF teve grande envolvimento nos acontecimentos de 1968. Houve um movimento de expressão nacional e muitas das suas ações foram gestadas nas conversas de bar, de jardins etc., entre pessoas ligadas à Universidade. Mas o que ficou foi o momento em si, de grande fermentação e criação. A UFF não foi a mesma depois da reforma. Os acontecimentos mudaram a UFF, independentemente da reforma universitária, que aconteceria de qualquer forma. De certa maneira, 68 trouxe frustrações para muitos. A ampla família que se via na Filosofia e depois no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia deixou de existir, dando lugar a uma grande competição. Aquele grande entrosamento entre Ciências Sociais se perdeu. Além disso, houve um legado de injustiças: os que vieram de fora, por terem saído voluntariamente ou por terem sido atingidos pelo regime, foram recebidos como heróis e os que ficaram, muitas vezes lutando contra as arbitrariedades impostas às universidades, eram considerados "lacaios do regime". De qualquer maneira, em minha opinião, o período representou o apogeu do curso de Ciências Sociais na UFF.

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO
DOS PROFESSORES INATIVOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Notícias

*Trechos do depoimento do professor Wagner ao Projeto Memória da ASPI.

**O professor Wagner era oriundo do GAT e integra o corpo de sócios da ASPI.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA*

Paulo Freire

Primeiras Palavras (continuação)

[...] A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles.

Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou de outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de um de seus livros.

Posso não aceitar a conceção pedagógica deste ou daquela autora e devo, inclusive, expor aos alunos as razões por que me oponho a ela mas, o que não posso, na minha crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta.

Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar.

É não só interessante mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros.

De quando em vez, ao longo deste texto, volto a este tema. É que me acho absolutamente convencido da natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana. É que, por outro lado, nos achamos, ao nível do mundo e não apenas do Brasil, de tal maneira submetidos ao comando da maldade da ética do mercado, que me parece ser pouco tudo o que fazemos na defesa e na prática da ética universal do ser humano. Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la.

Não é possível ao sujeito ético viver sem estar permanentemente exposto à transgressão da ética. Uma de nossas brigas na História, por isso mesmo, é exatamente esta: fazer tudo o que possamos em favor da eticidade, sem cair no moralismo hipócrita, ao gostoreconhecidamente farisaico. Mas, faz parte igualmente desta luta pela eticidade recusar, com segurança, as críticas que vêm na defesa

da ética, precisamente a expressão daquele moralismo criticado. Em mim, a defesa da ética jamais significou sua distorção ou negação.

Quando, porém, falo da ética universal do ser humano, estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo estou advertindo das possíveis críticas que, infelizmente, a meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente e não como um *a priori* da História. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “sí própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valoriza, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude.

Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável.

Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã. As pessoas, porém, inclusive de esquerda, para quem o futuro perdeu sua problematização – o futuro é um dado dado – dirão que ele é mais um devaneio de sonhador inveterado.

Não tenho raiva de quem assim pensa. Lamento apenas sua posição: a de quem perdeu seu endereço na História. A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo,

(continua na pág. 4)

Programação de Novembro

- Dia 5 (quinta-feira) - a partir das 12 horas
Almoço de Confraternização, no Restaurante Bambino D'Oro.

- Dia 17 (terça-feira) - a partir das 14h30min
Tarde de Convivência, na ASPI-UFF (R. São Pedro 24, sala 802)

PREVENIR É MELHOR DO QUE REMEDIAR*

**Assuero Luiz Saldanha

Em medicina, esta máxima é sempre lembrada. Na área da geriatria, ela é o pilar principal.

Algumas doenças, que em outras faixas de idade são incômodas, mas benignas e autolimitadas, no idoso podem ter consequências sérias. A gripe causada pelo vírus *Influenza* é uma delas. Na população idosa é responsável pelo aumento do número de internações e óbitos em consequência de doenças respiratórias e outras patologias.

A complicação mais temida da gripe é a pneumonia, que nos idosos é sempre uma grande preocupação. Ela pode levar o indivíduo a ficar acamado, e a imobilidade traz sérias consequências nestes pacientes. Existem estudos que mostram que durante um episódio de gripe podem ocorrer, muitas vezes de forma subclínica (não aparente), inflamação no músculo do coração (miocardite) e do cérebro (encefalite). Tais inflamações, em pessoas com estes órgãos debilitados, podem causar derrame (AVC) e insuficiência cardíaca. Estes trabalhos mostram que há um aumento de internações e óbitos em pacientes idosos num período que vai até dois meses após o aparecimento de um surto de gripe.

Uma das formas de combater a gripe é a vacina. Mas a dificuldade de se produzir uma vacina eficaz deve-se à enorme variedade do vírus *Influenza* e à capacidade destes vírus de sofrerem mutações (variações genéticas). Estudos feitos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), realizados em Atlanta, nos Estados Unidos, fazem coleta e identificação das cepas de vírus que causam surtos de gripe em diversas partes do mundo, inclusive o Brasil. A partir daí, anualmente é produzida uma vacina com três tipos de cepas dos vírus mais freqüentes.

A eficácia desta vacina é em torno de 60%, considerada bastante significativa. Contudo, para prevenir pneumonia chega a 74%, pois geralmente quando desenvolve a gripe é a forma mais branda, não chegando a ter complicações. Mas para um melhor resultado é necessário que o maior número de pessoas da comunidade seja vacinada. Daí a importância da vacinação em massa de pessoas com mais de 60 anos.

Em São Paulo serão vacinadas 700.000 pessoas maiores de 60 anos, pois foi instituído por lei o Dia da Imunização do Idoso, que já faz parte do calendário da Secretaria Municipal de Saúde. Como nós ainda não temos a vacina disponível na rede pública, só sendo acessível em nível particular, devemos vacinar prioritariamente idosos mais frágeis (com mais de 80 anos) e aqueles com doenças respiratórias, diabéticos, cardiopatas, que fazem uso de imunossupressores, idosos institucionalizados (que estejam em asilos ou hospital de crônicos), idosos acamados e todas as pessoas que estejam em contato permanente com eles, ou seja, profissionais e familiares.

A melhor época para tomar a vacina é entre o final de fevereiro e início de abril, pois a vacina demora em média 30 dias para fazer efeito, e sabemos que no inverno os surtos de gripe não mais freqüentes. Ela praticamente não tem efeitos colaterais, é pouco dolorosa e deve ser feita anualmente.

Também é importante a vacina contra *Pneumococcus*, que é a bactéria responsável pela maioria das causas de pneumonia em idosos. Ela deve ser aplicada em todas as pessoas maiores de 60 anos e prioritariamente nas mesmas que se beneficiam com a vacina da gripe. As duas podem ser tomadas no mesmo dia, sendo que a última só precisa ser repetida de cinco em cinco anos.

E, por último, mas muito importante é a vacina contra o tétano, que deve ter um reforço de dez em dez anos nas pessoas já imunizadas. Existem estudos que mostram que a incidência de tétano no estado de Minas Gerais já é maior entre os idosos do que nas outras faixas etárias. A vacina contra o tétano está à disposição na rede pública.

*Texto extraído de *Ativaldade*, publicação do Programa de Extensão da UFJF/Terceira Idade, da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG - Ano III - nº 24 - abril/98

**Assuero Luiz Saldanha é especialista em Geriatria pela UFF/Niterói e pela PUC/RS.

O encontro e a amizade são necessários à felicidade humana.
Quer motivo melhor para pertencer à ASPI?

Publicação do Departamento de Dissemination Cultural da Associação dos Professores Inativos da Universidade Federal Fluminense

Jornalista responsável:
Neusa Pinto - Reg. MTPS nº 12.255

Equipe de redação:
Ceres Marques de Moraes
e Neusa Pinto

Data de fundação da ASPI-UFF:
14 de julho de 1992

Sede:

Rua São Pedro, 24 sala 801- Centro
CEP 24020-050 - Niterói - RJ
Tel.: 620-8080 ramal 435
Telefax: 622-1675
E-mail: aspiuff@urbi.com.br.

Diretoria (Biênio 96/98)
Presidente:

Joaquim Cardoso Lemos

1º Vice-Presidente:

Aidyl de Carvalho Preis

2º Vice-Presidente:

Rogério Benevento

1º Secretário:

Léa Souza Della Nina

2º Secretário:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

1º Tesoureiro:

Almir Barbosa

2º Tesoureiro:

Maria de Lourdes Caliman

Conselho Deliberativo (membros efetivos):

Acrísio Ramos Scorzelli

Célia de Figueiredo Bastos

Dylva Araújo Moliterno

Eduardo Pedreira de Cerqueira

Isar Trajano da Costa

Levi Carlos da Cruz

Luiz César Aguiar Bittencourt Silva (Presidente)

Maria Cecília Pereira das Neves Volpi

Mário Duarte Monteiro

Maximiano de Carvalho e Silva

Conselho Fiscal (membros efetivos):

Anna Maria Mattoso Maia Forte

Calixto Nami Kalil (Presidente)

Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves

Jorge da Silva Paula Guimarães

Nésio Brasil Ancântara

Departamento de Assuntos Acadêmicos: Maria Therezinha Arêas Lyra

Departamento de Assuntos Jurídicos:
Jurésia Mendonça de Souza

Departamento de Dissemination Cultural:
Ceres Marques de Moraes

Departamento de Integração Comunitária: Lúcia Molina Trajano da Costa

Departamento de Lazer e Promoção Social:

Projeto Gráfico:
Cecília Jucá de Hollanda

Serviços Gráficos
Edições Muiraquitã

Notas e Comentários

Edital de convocação para a eleição da nova diretoria

O Presidente da ASPI-UFF, de acordo com as atribuições estatutárias, convoca seus associados para a Assembléia Geral e eleição da Diretoria – biênio 1998/2000, a ser realizada no dia 24/11, quarta-feira, às 10h. O registro das chapas estará aberto até o dia 13/11 (sexta-feira), às 17h, na Secretaria da ASPI.

Faça uma criança feliz neste Natal

Novamente estamos em campanha para uma causa nobre: compartilhar os belos e ternos momentos que o Natal nos proporciona com aqueles que têm menos... Se você já participou, nos anos anteriores, não esqueça que seus *afilhadinhas* estão contando com você. Se você ainda não disse seu sim, lembre-se de que o seu presente provavelmente será o único a provocar um sorriso de alegria em uma criança pobre. Aproveite, portanto, não deixe para depois depois: este é um ótimo momento para fazê-lo. Ligue para Lúcia Molina ou Maria de Lourdes Caliman, na ASPI (622-1675), e *faça uma criança feliz neste Natal!*

Aniversariantes de novembro

Acendemos as velinhas para os parabéns aos queridos amigos: Alzira L. de Figueiredo e Ricardo Coe Neto (dia 1º); Victorino F. Sanson (2); Edmundo Jorge Abílio e João José P. da Silva (4); Ronaldo A. Carvalho (6); Carlos de O. Cherem e Sônia de O. Almeida (8); Ailton Milward Azevedo, Cláudia Márcia N. de F. Pareto e Maria Dorothea C. Gomes (9); Nair de S. Motta e Fernando R. Campello (10); Dylva A. Moliterno (11); Zacharias B. Cheibub e Zilmea X. da Matta (12); Maria Apparecida A. de Souza e Roberto Eduardo Morteo (15); Célia de F. Bastos (16); Dalka S. Diniz, Léa Cruz e Maria Lúcia de A. Fortuna (17); Nina Rosa do C. Cyrillo (18); Elenita Bezerra e Silva e Hélio P. de Castro (19); Edson L. dos Santos e Nilza Fernandes F. Youyoute (20); Cezar B. Pitombo (21); Aldyr Maurício (22); Arthur José C. Coelho, Jorge da S. Paula Guimarães e Vera Lúcia F. Lopes (23); Wilson C. de Araújo (24); Heloisa Rios Gusmão e Sônia M^a da Silva (25); Cláudia M^a de L. Coelho e Maria Lúcia Borges (26); Carlos Alberto da S. Campos, Gilse Thereza de O. Prestes e Maurício Francis (28); Álvaro S. Barcelos (30).

Nota de falecimento

Com pesar, registramos o falecimento dos aspianos Álvaro Tatto, Oracy de M. e Silva e Alexandre Dias Neto. Às famílias e amigos, a nossa solidariedade neste momento tão difícil.

Ação dos 28,86%: a novela que terminou mal...

O Escritório de Advogados Wellington M. Pimentel enviou ao nosso Dep. Jurídico importante comunicado que transcrevemos, na íntegra, em nossos *Avisos Importantes*. Não deixe de ler!

Novas associadas

Com prazer damos as boas-vindas às professoras Denise Maria dos Santos Teixeira e Gelcira Bastos Braga e à pensionista Rhode Asvolinsque Pantaleão.

Revivendo 68

Este foi o tema da *Tarde de Convivência* de setembro. Quem não compareceu perdeu uma ótima programação organizada pelo Grupo Memória, do Departamento de Difusão Cultural da ASPI. Num clima dos anos 68, músicas da época, apresentadas pelo coral da ASPI Cantar é Viver e acompanhadas com muita emoção pela plateia, deram ao momento um tom muito especial; os depoimentos de aspianos, que viveram aqueles dramáticos episódios, serviram para mostrar a importância do projeto *Memória*, que a ASPI vem desenvolvendo e que em breve pretende publicar.

A belíssima mostra Revivendo 68, montada pela equipe da COPEX/PROEX, com material do acervo do NDC da UFF e de alguns aspianos, trouxe para nós uma rica seleção de jornais, revistas, discos e livros, que nos ajudou a conhecer e a lembrar um pouco mais da nossa história. No final, numa tarde memorável, um gostoso lanche estava aguardando os presentes...

Chá-Bingo: uma alegre atração

Realizado na Casa da Amizade, em São Francisco, o *Chá-bingo Beneficente* da ASPI, no dia 28 de setembro, excedeu as

expectativas. Doces e salgadinhos deliciosos fizeram o maior sucesso entre os presentes. O bingo, animadíssimo, mostrou também o quanto a parceria e a solidariedade são importantes quando se deseja realizar, com sucesso, alguma coisa. O feliz ganhador do prêmio principal – a TV a cores – foi o professor Esposel. Como sempre acontece nos nossos eventos, o *cinegrafista* Reinaldo registrou nos mínimos detalhes o acontecimento. Portanto, quem não participou, pode assistir à alegria dos presentes: basta comparecer à ASPI e ligar o vídeo...

Gratificação de Estímulo à Docência - GED

Do Departamento de Pessoal da UFF nos vem a explicação do porquê alguns docentes não terem recebido esta Gratificação, instituída pela Lei nº 9678/98, de 25 de junho de 1998 e que foi publicada em 07/07/98: “Sr. Usuário, informamos que, para a folha normal do mês de setembro/98, estaremos procedendo o acerto de incompatibilidade da rubrica 762 - Proventos de FC, até 31/10/91. Lembramos a V. Sa. que o pagamento desta vantagem somente é compatível com o adicional por tempo de serviço e devida exclusivamente aos aposentados cuja aposentadoria tenha sido homologada pelo Tribunal de Contas da União. Atenciosamente, Marlene Zacarias Rocha. Coordenadora-Geral de Cadastro e Controle de Lotação”.

Feira de Integração Comunitária

Verdadeiro sucesso o nosso stand na *Feira de Integração Comunitária*, que aconteceu nos dias 16 a 18 de outubro, no Ginásio do Colégio Salesianos. A barraca da ASPI contou com a presença maciça de amigos aspianos que, não contentes em contribuir com suas doações, participaram comprando mimos e presentes e se inscreveram voluntariamente para trabalhar naqueles dias. Foi mais um exemplo de companheirismo que a Diretoria da ASPI não pode deixar de registrar e agradecer. O resultado financeiro ainda não havia sido contabilizado ao fechamento deste boletim, por isso ele só será publicado no *ASPI-UFF* de dezembro. Aguardem!

Pedagogia da autonomia... (continuação da página 2)

Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. O livro com que volto aos leitores é um decisivo não a esta ideologia que nos nega e ameaçinha como gente.

De uma coisa, qualquer texto necessita: que o leitor ou a leitora a ele se entregue de forma crítica, crescentemente curiosa. É isto o que este texto espera de você, que acabou de ler estas “Primeiras Palavras”.

Paulo Freire
São Paulo, setembro de 1996

*Texto inicial da obra acima referida, de Paulo Freire. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura). (continua no próximo número)